



III CONCURSO LITERÁRIO VITA ALERE- 2020 MEMÓRIA VIVA: HISTÓRIAS DE SOBREVIVENTES DE SUICÍDIO

CATEGORIA III: PROFISSIONAIS

1º. Lugar

VAZIO PARADOXALMENTE TRANSBORDANTE

Autor: Evandro Valentim de Melo

Tema pesado, difícil... Infelizmente, episódios desta natureza orbitam ao redor desde a longínqua adolescência, quando, aos dezesseis anos, um da minha turma de mesma faixa etária, cometeu suicídio. Amigo de jogar futebol e comemorar abraçado aos demais, como o fazem os jogadores profissionais do mesmo time, se um deles faz gol. Ninguém deu importância ao repentino afastamento e desinteresse dele por participar das ‘peladas’; assim chamávamos nossas partidas de futebol. Naquela idade, pouco sabíamos desse assunto. Um de nós dizia em tom de brincadeira, que ele estava apaixonado e a menina não lhe dava qualquer esperança.

Nada de bilhete de despedida. Pairava a suspeita de que o ato extremo

decorreu da paixão não correspondida. Jamais saberemos...

Muitos anos à frente, ocorreu em minha própria família, que é bastante numerosa. A proximidade dos irmãos e irmãs se afrouxou depois que nossos pais se foram. À época, eu morava em São Luís, a enorme distância do núcleo familiar, em Brasília, quando soube que um sobrinho deu fim à própria vida, de maneira bastante trágica, com veneno.

Jamais se imagina que algo assim aconteça com alguém de nossa família. A vida tratou de mostrar que sim, é possível e convém tomar bastante cuidado, pois, da mesma forma que ocorreu com o amigo na adolescência, jamais soubemos as razões, os porquês de ato tão extremo.

Chronos fez aquilo que mais sabe: girou a manivela do tempo, até que nos aproximamos da atualidade, a determinada noite de festa junina, com amigas e amigos de minha filha, então com quatorze anos, idade em que adolescentes não querem pai e/ou mãe por perto. Nós, pais e mais ficávamos a um canto e nossos filhos e filhas em outro.

Porém, a vigiar, a fim de identificar alguma necessidade de intervenção. A juventude clama por privacidade e espaço para poder conversar assuntos do interesse e no idioma que lhes é comum.



Nós, pais e mães, da mesma forma, conversávamos sobre temas de “gente grande”, em uma noite que nada apresentou de extraordinário ou diferente de tantas outras festas juninas que essa mesma turma frequentou.

Monitorávamos nossas crias, mas era entre nós mesmos que o ‘bicho-papão’, camuflado ou invisível, se encontrava.

Dois dias depois, uma das pessoas do grupo de “gente grande”, pai de uma das amigas de minha filha, se suicidou; por enforcamento. E o fez no trabalho. Ninguém levantou qualquer suspeita ou percebeu o mínimo indício de esse jovem senhor, sentado à mesa conosco, a conversar banalidades, estaria às vésperas de fazer o que fez. Inúmeras perguntas sem respostas, me passaram pela mente, porém, a mais significativa é – e continua sendo -, por que o local de trabalho? Assim como nos dois outros episódios nefastos próximos a mim, jamais saberei.

Uma pequena mudança de foco nesta narrativa, para, em seguida retornar ao tema. Sou graduado em administração e das variadas especialidades que minha tão generosa profissão oferece, escolhi trilhar o que se conhece como Recursos Humanos, ou Gestão de Pessoas. Pouco importa a denominação, porém, quem escolhe trilhar esse caminho lidará com gente, em todas as facetas da espécie humana.

Ao longo da caminhada, convivi com pessoas que mereciam medalha de honra ao mérito, pela retidão de caráter, proatividade, compromisso, honestidade, inteligência etc. No outro extremo dessa “reta”, deparei-me com pessoas diametralmente opostas. Cada um sabe de si e carrega os próprios motivos para ser como é.

Meu saudoso pai dizia: “gente é um bicho difícil”. Na sua simplicidade, ele manifestou sabedoria. Depois de vários anos de muito trabalho, cheguei a postos de comando, de chefia de equipes, atribuição que requer saber lidar com as idiossincrasias humanas, saber conciliar interesses entre empregador e empregado, nada trivial. Não é incomum ocorrer de pessoas que estão “no extremo oposto” mencionado acima, simularem doenças para se afastar do trabalho. Não foram poucas as vezes que suspeitei de tal comportamento e demandei à junta médica, perícia para confirmar tais doenças.

Dentre todas essas doenças reais ou inventadas, a única que não arrisco ou palpito, é sua excelência, a depressão. Pode até ser que o empregado esteja fingindo, porém, jamais duvido. Sempre me vem à mente a lembrança do pai da coleguinha de minha filha. Imagino a reação da pessoa que adentrou ao escritório e se deparou com um



colega enforcado. A depender de mim, tal cena não se repetirá.

Nesse sentido, caso eu possa deixar uma sugestão a outros gestores mais jovens, que venham a ler essa narrativa, eu diria para jamais duvidarem, nunca mesmo, quando um colega da empresa apresentar comportamentos com indícios de depressão: alguém que em um dia é a pessoa mais feliz do mundo e, no outro, se sente a mais desvalorizada da história da humanidade. Vi gente assim muitas vezes e sempre me digo incompetente, no sentido literal da palavra, de emitir qualquer juízo de valor. Aciono o serviço médico e lhes passo o bastão a fim de que conduzam a situação.

Referindo-me ao agora, ao ano 2020, todos nos deparamos com experiência inimaginável, graças à pandemia provocada pelo Novo Coronavírus, que nos obrigou ao necessário isolamento social, que ultrapassa quatro meses.

No trabalho, continuo como gestor, porém a lidar com um novo e inédito momento: a onda de colegas fragilizados aumentou exponencialmente, afinal, ninguém estava preparado para esse quadro quase dantesco. Atendendo a pedidos, criamos um grupo de conversa com quem se sentiu à vontade para dele participar. Participam médicos do trabalho, assistente social, psicólogos. Espera-se acolher esse pessoal, todavia, até a forma de os atender, a distância é inédita. A grande interrogação é: conseguiremos? A situação é bem estranha, densa, sinto como se esses colegas caminhassem em um atoleiro, em um pântano...

Semana passada, mais um fúnebre acontecimento e, de novo, total ausência de porquês. Tentem imaginar a cena repetida “n” vezes: você chega à escola de sua filha, quando ela tem apenas sete anos de idade, para buscá-la e não a vê. Ela jamais cumpre o combinado: “filha, me espere em frente à biblioteca”. Um menino da mesma sala dela se sensibiliza, aparece em sua frente e diz: “eu sei aonde ela ‘tá’”. Não só sabe como lhe pega pela mão e o conduz até o local onde a menina sapeca se encontra, a brincar com outras colegas. Replique essa cena incontáveis vezes, com o mesmo menino, solícito, está sempre por perto e lhe mostra o caminho das pedras para você encontrar sua filha na multidão de outras centenas de crianças.

Pois foi com esse menino, aos dezesseis anos, neste incomum ano de 2020, o protagonista do mais recente episódio de suicídio. Imensa tristeza nos alcançou: à minha filha, à minha esposa e a mim. Tremendo vazio, paradoxalmente, transbordante de sensações ruins. O cenário hodierno é incerto, oprime e ameaça. De todo o coração, desejo que tenhamos força para superar as barreiras psicológicas dessa caminhada de isolamento social, a fim de evitar desfechos como esses. Cuidemos de nós mesmos, mas tenhamos, sempre, o olhar atento às pessoas mais fragilizadas.